

Consumo e desejos como lógica cultural em *Bóris e Dóris*, de Luiz Vilela

Marta Francisco de Oliveira¹
Solange Barbosa Loureiro²

Resumo: O presente artigo visa a análise da novela *Bóris e Dóris* (2006), de Luiz Vilela, tendo como intuito a reflexão sobre a identidade e a fragmentação do sujeito contemporâneo, o espelhamento e a globalização, apresentando como enfoque a desestruturação que o modo de produção capitalista faz emergir nos sujeitos e nas relações humanas. A obra se passa num hotel-fazenda longe do tumulto da cidade onde Bóris tem uma reunião de negócios e Dóris, sua esposa, o acompanha. O diálogo entre o casal é marcado pela oposição de ideias, enquanto Dóris sonha e tece o sentido da vida, Bóris calcula, planeja e aliena-se do mundo sentimental, tornando-se um ser isolado, burocrático e vazio. Contudo, esse trabalho tem por finalidade lançar mão de algumas reflexões acerca da identidade no mundo contemporâneo, para suscitar ideias que demonstrem como esse sujeito sem sentimentos e calculista se forma dentro da novela, e ainda o que o alimenta nessa cadeia movida pela globalização que, ao mesmo tempo em que derruba as fronteiras e compartilha espaços, destrói as relações humanas.

Palavras-chave: espelhamento, fragmentação, identidade.

Resumen: Este artículo trata del análisis de la novela *Bóris e Dóris* (2006), de Luiz Vilela, con el objetivo de reflexionar sobre la identidad, la fragmentación del sujeto contemporáneo, la idea de espejismo y la globalización, para pensar como los trastornos que el modo de producción del capitalismo desestructuran los sujetos y las relaciones humanas. La obra tiene como

¹Professora assistente do curso de Letras – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Câmpus de Coxim.

²Acadêmica do 4º ano do curso de Letras – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Câmpus de Coxim

escenario un hotel lejos del tumulto de la ciudad donde Bóris tiene una reunión de negocios, y su esposa Dóris le acompaña. El diálogo entre la pareja está marcado por la oposición de ideas, puesto que, mientras Dóris sueña y teje el sentido de la vida, Boris hace cálculos, planes alejados del mundo sentimental, llegando a ser un hombre aislado, burócrata y vacío. Este trabajo tiene como objetivo hacer reflexión sobre la identidad en el mundo contemporáneo, planteando ideas que puedan demostrar cómo este tipo de sujeto, insensible y calculista, se forma en el interior de la novela, determinado por una sociedad capitalista impulsada por la globalización que, a la vez derrumba fronteras y comparte espacios, pero el resultado en algunos casos es la destrucción de las relaciones humanas.

Palabras claves: espejismo, la fragmentación, la identidad.

O sonho encheu a noite
Extravasou pro meu dia
Encheu minha vida
E é dele que eu vou viver
Porque sonho não morre.
Adélia Prado

Esse artigo visa a análise da novela *Bóris e Dóris* (2006) de Luiz Vilela, a partir de algumas reflexões sobre o pós-moderno, a noção de identidade, de espelhamento e globalização. A obra destacada apresenta-se como um diálogo constante entre Bóris e Dóris, protagonistas da novela, na qual podemos perceber o egocentrismo dele por meio de um discurso pretensioso e vibrante, traçando suas metas, sonhos e desejos. No início, ao mesmo tempo em que tomam um café, começam a demonstrar cada qual sua maneira de ver a vida; Bóris ambiciona ser o diretor de um conglomerado de empresas e Dóris, uma professora que desistiu da profissão, vive à margem do marido. A conversa lembra a de um casal convencional, com temas variados e banais. Conforme diz RODRIGUES,

Enquanto Bóris espera pelo motorista que o levará a uma importante convenção, o casal conversa sobre assuntos variados que vão se interligando quase aleatoriamente, como num diálogo informal. O interessante é que um deles discorda de quase tudo o que é dito pelo outro e vice – versa. Entre os temas por ele abordados, encontramos alguns polêmicos, como a pedofilia na Igreja Católica, e outros banais, como o motivo para o apelido do único irmão que Bóris tivera.³

Na novela diferenciam-se os nomes das personagens apenas pela alteração da primeira consoante, “o que sugeriria até mesmo certo espelhamento. Porém, se pensarmos na imagem especular como o duplo idêntico, veremos que essa não é uma definição que se aplique ao casal da narrativa”⁴. Isto se dá porque o casal demonstra ser um o inverso do outro, portanto “a eles caberia mais a imagem especular obtida pelo negativo, como na fotografia, em que as cores da foto revelada são inversas às inscritas na película fílmica”⁵.

Esse detalhe do espelhamento é relevante porque, na novela, as personagens encontram-se quase sempre nesta posição de um frente ao outro, e é à sombra, à imagem inversa ou em paralelo ao companheiro que suas identidades nos são reveladas e/ou constituídas. O sujeito se constrói como sendo o reflexo do outro, embora um reflexo distorcido, talvez composto por oposição e antagonismo. Porém, embora opostos, são dependentes: compõem um casal, mas sua relação é mais de desencontros do que de companheirismo, o que não os impede de permanecerem juntos, numa estranha relação de convivência e compartilhamento do espaço social, com papéis aparentemente bem definidos e dirigidos por interesses, como costuma ocorrer na sociedade capitalista e como ocorre no cenário secundário do conglomerado de empresas no qual Bóris trabalha, que apenas se deixa entrever na narrativa.

³Ver <http://www.revistatxt.teiadetextos.com.br/05/jairoresenha.html> acesso em 12/10/2010.

⁴Idem.

⁵Idem.

Na novela, o que se sobressai é a composição da obra como um diálogo cotidiano mesclado de humor e sátira que nos apresenta subsídios para analisar a vida e os sentimentos que a circundam e movem os sujeitos. Dela advém a relação de dependência e convivência num mesmo espaço entre dois seres de mundos tão diferentes como o são Bóris e Dóris. Uma vez que o tema dessa narrativa de Luiz Vilela e sua tessitura são bastante atuais, podemos perceber como a lógica cultural marcadamente pautada em relações de poder econômico e consumo podem subsidiar a análise aqui proposta. Hoje, o reflexo da globalização fica exposto nas identidades difusas e híbridas do cotidiano, pois de acordo com Laclau (2004, p.17), essas divisões sociais fazem surgir diferentes identidades ou posições de sujeito, e com isso a produção textual serve para demarcar essas situações efêmeras e colocá-las em discussão, visto que já fazem parte do cotidiano e da vida dos sujeitos. Na novela, embora Bóris e Dóris seja um casal, o que denota a ideia de união, esta parceria se caracteriza pelo antagonismo, pela diferença. É uma relação social básica (porque consideramos a família a base de uma sociedade, em muitos casos) que apesar disso se constrói através de oposições. Diz Laclau que as identidades

(...) são caracterizadas pela “diferença”, elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes “posições de sujeito” – isto é, identidades – para os indivíduos. Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados. (APUD HALL, 2004, p. 17).

Na relação estabelecida entre as personagens, embora opostas, suas identidades são construídas e articuladas a partir destas oposições: o marido que, sempre imponente, projeta uma imagem de si como homem bem - sucedido, um grande profissional, sempre correto e vencedor, apóia-se na esposa submissa; Dóris, embora em alguns momentos, nos iniciais, possa discordar de Bóris, sempre desiste

de sua opinião, rende-se às circunstâncias e, de forma muitas vezes omissa, deixa de reagir às ironias do marido.

Segundo HALL (2004, p.17), a identidade na contemporaneidade está ligada à diferença, ou, em outras palavras, o impacto da globalização que parece primeiramente unir os indivíduos pela aquisição dos mesmos bens de consumo e idéias acaba por segregá-los porque as diferenças sociais vão definir o poder de compra das pessoas e a satisfação do desejo de consumo. Em alguns casos, como em *Bóris e Dóris*, esse poder de satisfação de desejos muitas vezes é enganoso, cria uma falsa idéia de nivelamento social e constrói subjetividades que entrarão em conflito com a realidade. Neste ponto, novamente as identidades sofrem mutação, e se reestruturam em paralelo – ou à sombra - de outras.

De acordo com JAMESON (2006), esse modo de produção é atomista e acaba por gerar sujeitos mecânicos que vivem como se estivessem jogando. É o caso de Bóris, na novela aqui analisada, quem não encontra tempo para se preocupar com Dóris, a mulher vivendo sempre à sombra do marido, porque seu único objetivo é a satisfação profissional:

(...) embora vários modos de produção pré-capitalistas tenham atingido sua capacidade de se reproduzir através de várias formas de solidariedade e de coesão coletiva, a lógica do capital é, ao contrário, dispersiva e atomista, “individualista”, uma anti-sociedade muito mais que uma sociedade, cuja estrutura sistêmica, para não dizer a sua reprodução de si mesma, permanece um mistério e uma contradição em seus termos. (JAMESON, 2006, p. 71-72)

Um exemplo claro do desinteresse pelo outro na obra, bem como a constante preocupação com o “capital estereotipado” representado como sendo a empresa, se passa no momento em que Bóris quer controlar os impulsos naturais de Dóris; esta fica desolada com o sucedido, embora demonstre simples resignação:

De repente as montanhas mexeram-se, ondularam-se e abriram-se, formando uma boca – uma boca obscena, uma boca....

- _ Não, meu Deus – ela disse, fechando os olhos.
– O que foi? – ele perguntou, assustado.
Ela abriu novamente os olhos.
– Acho que eu tive uma vertigem.
– Vertigem?...
– É.
– Não vai passar mal aqui agora, hem? Pelo amor de Deus.
– Não, Bóris, eu não vou.
– Eu não posso, eu já te disse, eu não posso, de jeito nenhum, faltar a essa reunião (VILELA, 2006, p.39-40).

Este trecho retrata bem a acentuada alienação de Bóris que simplesmente engole as palavras e as ações de Dóris, causando espanto e horror àqueles que prezam uma relação mais amigável e extremada, visto que o indivíduo capitalista se mostra preocupado somente consigo mesmo, seus desejos de ordem econômico-social, em detrimento das relações de afeto com outros sujeitos. Durante suas conversas fica evidente como a manipulação dos discursos e a existência em prol da empresa acabam por deteriorar a relação entre o casal, sendo que a esposa cada vez se sente mais isolada, num mundo que não coincide com o do marido:

- Você não ama ninguém.
– Amo.
– Então quem você ama?
– Eu amo, por exemplo, os meus companheiros, aqueles que comungam comigo os mesmos ideais, aqueles que suaram a camisa junto comigo e que, ao longo desses anos, passaram por bons e maus momentos e seguiram em frente.
– Isso é do discurso?...
Ele riu.
– É; em parte, sim. É do meu discurso, sim. Eu vou dizer isso em homenagem aos meus companheiros e como uma forma de agradecimento a eles. Não fica bom? (VILELA, 2006, p.30-31):

De acordo com JAMESON, “o surgimento do pós-modernismo está intimamente relacionado com o surgimento desse novo momento do capitalismo tardio de consumo ou capitalismo multinacional”

(2006, p. 43), o que implica dizer que esta nova fase leva um caráter mais delineado do que se possa supor, como nos afirma Anthony McGrew (1992):

(...) a “globalização” se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade experiência, mais interconectado. A globalização implica um movimento de distanciamento da idéia sociológica clássica da “sociedade” como um sistema bem delimitado e sua substituição por uma perspectiva que se concentra na forma como a vida social está ordenada ao longo do tempo e do espaço”. (GIDDENS, 1990 p.64, apud HALL, 2004 p.67-68)

Conforme mencionado, esse processo atuante na sociedade age em escala global, alterando as identidades nacionais e criando um novo tipo de situação que transmite uma percepção de interconexão mundial, que porventura leva à criação de identidades e sujeitos incongruentes. Como na novela *Bóris e Dóris* o sujeito dominante masculino age como o gerenciador dos lucros e da vida dos dois, é no mínimo necessário dizer que essa política do capital atravessa fronteiras e comanda as ações dos sujeitos. O mercado, como bem nos recorda Beatriz Sarlo (1997), corteja os sujeitos e os institui protagonistas de seus mitos. Aqui, preserva-se e perpetua-se o mito do homem forte, provedor e detentor do poder de decidir sobre os rumos da vida do casal, sempre em detrimento das vontades da esposa, que também se resigna e se submete à lógica destas relações mercadológicas.

A própria estruturação da novela em diálogos denota o fenômeno identitário contemporâneo, onde suas vidas não estão unidas, correm em paralelo, uma ao lado da outra, contudo sem se tocar; no entanto, possuem suas vozes. Cada sujeito marca sua existência, à sombra ou não do outro, quando assume uma voz que ao mesmo tempo designa seu lugar de enunciação. Em *Bóris e Dóris* observamos que as posições de sujeito vão se sobrepondo uma sobre a outra, mas sempre quem perde é Dóris, porque mesmo quando Bóris parece perder a razão, ironiza a situação e a reverte

a seu favor, negando-se a dar crédito à companheira. Embora esta coloque suas opiniões e defenda suas ideias, acaba derrotada, ou resignada, desistindo do embate. A lógica usada por Bóris, contrariando crenças, tradições e opiniões populares, ou com elas condizendo, gira ao redor das relações de mercado, tais como custo/benefício e a ânsia de conter gastos desnecessários, ou evitar prejuízos. O episódio sobre plantas ilustra bem esse fato. Para Bóris, a diferença primordial reside no custo; embora não tenha certeza de nada, apenas sabe *que não lhe traz prejuízo*. Nessa teia de cálculos financeiros, Bóris até mesmo acaba por se contradizer, porém segue firme em sua forma de pensar regida pelos critérios do mundo capitalista ao qual pertence. Como o texto bem demonstra, o consumo e o capital estão atuando fortemente na formação das identidades e, talvez, como CANCLINI nos diz, somos “consumidores do século XXI, cidadãos do século XVIII” (2005, p.13). Em outras palavras:

“As lutas de gerações a respeito do necessário e do desejável mostram outro modo de estabelecer as identidades e construir a nossa diferença. Vamos nos afastando da época em que as identidades se definiam por essências a-históricas: atualmente configura-se no consumo, dependem daquilo que se possui, ou daquilo que pode se chegar a possuir” (CANCLINI, 2005, p.15)

Na narrativa, esse é o maior desejo de Bóris. Portanto, podemos pensar que os sujeitos estão sendo formados por intermédio daquilo que se tem e o que se pretende obter, e esse círculo vicioso compreende a busca pelo capital que ultrapassa os limites do humano, muitas vezes destruindo relações baseadas em afetividades e formando cidadãos aptos à aquisição de dinheiro, porém aptos também a perda dos valores morais; as relações tendem a se estabelecer pautadas no consumo e na busca incessante pelo poder econômico.

Com a leitura de *Bóris e Dóris* podemos perceber que Luiz Vilela se mostra bastante atento às questões sociais, e que sua obra apresenta um caráter profundo e analítico sobre as questões ditas cotidianas, tanto que “o olhar lançado sobre cada uma dessas esferas busca sempre o

que se esconde sob a máscara de todo o dia, trazendo à tona desejos reprimidos, ações e pensamentos escusos, conchavos, despidos agora de toda hipocrisia e vazados para o leitor em pequenos flagrantos do cotidiano.” (CARNEIRO, 2005, p.128). Mais do que a denúncia de situações do dia-a-dia, *Bóris e Dóris* pode nos levar à reflexão da vida e dos valores éticos que estão em decadência, ao passo que estão sendo substituídos pelos objetos de valor abstrato, que nos dias de hoje não são mais utilizados para a subsistência e obtenção de bens concretos:

O próprio capital começa a ter flutuação livre. Ele se separa do “contexto concreto” de sua geografia produtiva. O dinheiro se torna, em um segundo sentido e em um segundo grau, abstrato (sempre foi abstrato no sentido primeiro e básico): é como se, em um certo sentido, o dinheiro, em seu momento nacional, ainda tivesse um conteúdo – tratava-se do dinheiro do algodão, do trigo, da indústria têxtil, das estradas de ferro, e assim por diante” (JAMESON, 2001, p. 150)

Essa nova fase baseia-se no princípio do acúmulo de capital, e o próprio dinheiro se multiplica, nas ações da bolsa de valores, entre outros, fazendo do sujeito uma máquina que é programada para gerar lucros. Essa situação pode ser claramente vista na novela aqui analisada. O próprio sistema capitalista exclui e decepciona os seus usuários, porém estes insistem em continuar sonhando; Bóris, depois de utilizar todo o contrato de fidelidade com seus objetivos e metas regidos por esse padrão capitalista de lucros e ascensão econômica e social, não é indicado para a direção do conglomerado, e acaba por confirmar a síntese deste mundo individualista do qual faz parte. O que lhe resta, portanto, é a volta aos valores mais primitivos, como uma compensação, e redefinir seu sonho de grandeza. Bóris ignora novamente tudo o que se passa com a esposa e Dóris, por conveniência, outra vez se resigna a seu papel secundário na relação de ambos. O casal permanece unido pelas aparências e distante interiormente, reproduzindo em seu microcosmo o mundo ao qual pertencem, fornecendo, sem dúvida, material para uma reflexão sobre a lógica cultural estabelecida nas atuais sociedades capitalistas, conforme era nossa intenção demonstrar no presente artigo.

Referências

CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e Cidadãos*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

CARNEIRO, Flávio Martins. *No país do presente: ficção brasileira no início do século XXI* – Rio de Janeiro: ROCCO, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro, Rio de Janeiro .DP&A, 2004.

JAMESON, Fredric. *A cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização*. Trad. Maria Elisa Cevasco e Marcos César de Paula Soares, Petrópolis. VOZES, 2001.

JAMESON, Fredric. *A virada cultural: reflexões sobre o pós-moderno*. Trad. Carolina Araújo, Rio de Janeiro: Editora CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA ,2006.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina*. Trad. Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

VILELA, Luiz. *“Bóris e Dóris”*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

Referências eletrônicas sobre o livro

<http://www.revistatxt.teiadetextos.com.br/05/jairoresenha.html> Acesso em 12/10/2010.